

Arqueologia & História

Volume nº 56|57 - 2004|2005

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



Vale do Côa 10 ANOS



A construção da imagem do Infante Santo

Rui Miguel da Costa
Pinto

Professor/Formador

A exemplo de muitos trabalhos de historiografia, a figura do Infante Santo percorreu as nossas memórias colectivas ao semblante do herói esquecido, para mais que Nuno Álvares Pereira se tinha tornado no ícone de lusitanidade a que se referem muitos autores.

Interessava pois ao regime do Estado Novo perpetuar a memória daqueles que povoavam toda a História de Portugal. Ainda que de forma algo modesta, o Infante não foi esquecido.

O romantismo dá-lhe forma e o Estado Novo pragmatismo.

Oliveira Martins, partidário de uma história narrativa e dramática ainda que com desígnios de foro científico, traça um retrato do Infante, como a fúnebre tragédia, demonstrando a sua simpatia pelo mesmo e desdém por D. Henrique, senão vejamos:

(...)Dos dois irmãos, o que preferiu viver e o que abraçou quase alegremente a morte, o que era herói e o que ficou mártir, o que esperava a desforra e o que se imolou em sacrifício: qual dos dois irmãos nos parece neste momento maior? O nosso coração, o nosso amor, a simpatia irresistível da nossa alma vão para D. Fernando¹.

Acusa-o mesmo de ser o único responsável pela tragédia, salvaguardando a posição de D. Duarte, ao mesmo tempo que o descrevia como um monarca destituído de vontade própria:

(...)O ambicioso irmão levou-o a empreender a conquista de Tânger, depois de ter convencido a que o acompanhasse o infante D. Fernando. O rei, ou aprovou, ou não teve energia bastante para se opor à temerária empresa².

A disputa palaciana é vista por Oliveira Martins na óptica do bom senso de D. Pedro e na ambição de D. Henrique, provocando este o afastamento do primeiro da corte:

(...)D. Henrique, pertinaz, decidido e, por sobre isso, violento e sem carinho, não perdoou decerto a sábia prudência com que o irmão se opunha aos seus desígnios. As relações de ambos, já frias, azedaram-se talvez; e porventura aqui esteja o motivo da indiferença com que D. Henrique ouviu os rogos do irmão, quando mais tarde lhe pedia que o servisse perante o sobrinho, Afonso V – indiferença que decerto concorreu para a morte de D. Pedro em Alfarrobeira, se porventura a não causou.³

Compara os passos do cativo do Infante aos dos profetas do antigo testamento e da paixão de Cristo *(...)os mouros levaram-no a Fez. Ia como Isaac para o altar, ou como Jesus para o Calvário. (...) o infante, submisso e conformado, lembrava-se de que outro tanto, e mais ainda, sofrera Jesus por ele. Antes, porém, ser de uma vez crucificado, do que acabar lentamente nas lóbregas estrebarias de Fez, varrendo as imundícies, comido de bichos,*

devorado de febres, porque nem a lentidão do martírio lhe poupou o cadáver aos insultos da turba.(...) Antes, pregado na cruz, tivesse expirado como Cristo⁴.

As suas qualidades de excelente prosador tolham-lhe por vezes o rigor histórico.

Comparando a figura de D. Henrique à de Judas *(...) Com a desumanidade de um apóstolo, D. Henrique sacrificava tudo e todos à sua fé. (...)no carácter do infante não primava a humanidade. (...), glorifica a personagem histórica, intitulado-o de o primeiro mártir da nossa epopeia (...)precursor do nosso império! Enquanto D. Henrique era o príncipe tão funesto aos seus, mas tão proveitoso para o reino.⁵ Esta última afirmação, que à partida poderia parecer um contra senso, é a salvaguarda do fruto da empresa dos Descobrimentos e da sua principal figura, a que nem mesmo Oliveira Martins poderia negar, a do Navegador.*

Mendes dos Remédios, em 1911, no seu Prefácio isenta de culpas Dom Duarte e Dom Fernando qualificando o Infante de *(...)Santo, modesto, bom e sofredor, que os Moiros se encarniçaram em fazer soffrer lançando o pregão de todas as affrontas ao mundo muçulmano e christão. (...)*

(...) As virtudes civicas e tam ardentes de patriotismo da inclita geração não calavam a boca dos maldizentes quando a sorte, apparecendo-nos desfavoravel aqui ou ali, lhes dava um vislumbre de razão. (...)

(...) Heroe, como seus irmãos, o Infante Santo, desempenha na sua curta existencia um outro papel bem differente do d'elles, mas nem por isso menos digno de assombro, de admiração, e do culto fervoroso das nossas almas. (...)

(...) O que mais nos enche de admiração e de pasmo em D. Fernando é a constancia e a firmeza da sua rija alma de heroe, é a inabalavel serenidade do seu caracter feito d'huma só peça, prompto a afrontar todas as dores, todos os soffrimentos, todas as torturas. Nesse ponto elle attingiu a atmosphaera, desconhecida ao commum dos mortaes, em que se libram as almas dos illuminados e dos santos. (...)

(...) tinha a sua alma, cheia de serenidade, de bondade e de fé, temperada duma fortaleza indestructivel. (...)

(...) Grande exemplo! Nobilissima acção! (...)⁶

Fernando Pessoa fazia o seu retrato no primeiro poema escrito para a Mensagem em 1913, Gládio, mais tarde intitulado de D.Fernando, como sendo a de um herói aparentemente 'falhado'⁷

Na galeria de heróis pessoanos, o Infante D.Fernando, o Infante Santo, membro da Inclita Gera-

¹ Martins, Oliveira, *Os filhos de D. João I*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1998, pp.179-180

² Martins, Oliveira, *História de Portugal*, pp.177-181

³ Idem, *Ibidem*

⁴ Idem, *Ibidem*

⁵ Idem, *Ibidem*

⁶ Remédios, Mendes dos *Chronica do Infante Santo D. Fernando, subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa XIII*, Coimbra, F. França Amador-Editor, 1911, pp. VI, VII, XXII-XIV

ção, Altos Infantes, como chamou Camões aos filhos de D. João I, foi um infante de vida trágica, morto em cativeiro, no Norte de África, em Fez, onde ficou como refém da entrega de Ceuta e onde seus irmãos (com destaque para o mais célebre de todos, o Infante D. Henrique) o deixaram ficar, para não entregarem a cidade :

D.FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

*Deu-me Deus o seu gládio, por que eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.
Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
Dentro em mim a vibrar.
E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.*

Júlio Dantas, Médico do Exército, antigo Ministro da Instrução Pública e Presidente Geral do Congresso do Mundo Português, situado entre o romantismo e o parsianismo, nas suas obras como poeta e dramaturgo,⁸ enquanto Inspector Superior dos Anais das Bibliotecas e Arquivos, produz um texto no início do século em que se refere ao Infante como um (...)proto-mártir da nossa epopéia africana(...).

E prossegue:

(...)Êste príncipe, orgulhoso, perdulário, mas escrupuloso, formalista, frio como a mãe inglesa, singular figura sôbre a qual se tem feito, até hoje, mais agiografia do que história, rodeou-se dum esplendor que contrastava com a sobriedade dos irmãos, adquiriu hábitos de dissipação que as próprias rendas da administração do mestrado de Avis não comportavam, lançou-se nas mãos dos judeus Abravanel e Jacob Maçou, a quem pediu dinheiro emprestado, empenhou pratos da sua casa, - e, num dado momento, reconhecendo que a "pouquidade dos bens que tinha" (palavras suas) não chegava para a opulência em que pretendia viver, associou-se no infante D. Henrique e arrancou a êsse pobre neurastênico, que era o rei seu irmão, o consentimento para a empresa de Tanger, por êle

considerada como uma forma de criar riqueza e de resolver o seu caso pessoal. O testamento que o infante D. Fernando fez antes de partir, em 2 de Agosto de 1437, nas casas de Joanne Annes armeiro, às Taracenas, onde vivia, escrito pelo punho do grande cronista Fernão Lopes, tabelião geral do reino e seu escrivão da puridade, é um documento sob muitos, pontos de vista, notável. Por êle se vê que o Infante vivia rodeado duma magnificência verdadeiramente real (...)⁹

Nas sua obra a Pátria Portuguesa (1914) culpabiliza Dom Duarte e Dom Henrique pelo infortúnio, não fazia parte do que entendia ser o culto do heroísmo. Dir-se-ia que a Íncrita Geração nada produzira, a não ser adversidades:

(...)o culpado fora ele , ele só, príncipe fraco, farrapo de realeza (...) sombra de poder, fatigada e doente (...) e uma rainha mancomunada com ambos pela promessa interesseira da adopção dum filho? Porque não fora ele rei, uma vez ao menos na sua vida? (...) as manadas grunhidoras dos fugitivos de Tânger, cobertos de chagas e de farrapos, atirando-lhe à cara a sua miséria; parecia-lhe ouvir, a cada momento, como vozes de maldição, todos os sinos de Portugal dobrando pelos mortos; e nas longas noites de silêncio e de insónia, de flagelo (...) os gemidos do irmão cativo, os seus gritos de desespero, a sua voz amiga, a sua voz familiar chamando-o, bradando-lhe de longe:

-Irmão, irmão, porque me desamparaste? (...)

(...) o infante D. Henrique, ave negra do desastre, que uns diziam, à boca pequena que viera escondido a Lisboa (...)

(...) Podia o rei, pela força do seu próprio poder, mandar entregar Ceuta (...) era senhorio de todo o corpo da república de Portugal, de que ele, como soberano, não passava de cabeça coroada. (...) o infante D. Fernando mandara de Arzila suplicando ao rei que entregasse Ceuta e dizendo que, se não tivessem misericórdia dela, já via a cadeia de ferro que havia de o pendurar pelos pés nas muralhas da cidade. (...)

(...) eloquência do infante D. Pedro (...)

(...) Queriam salvar o infante ? Pois bem: que fossem todos - e ele iria com eles! - arrasando Tânger, conquistando Arzila, mordendo sangue e pó, arrancá-lo ao

⁷ Pais, Amélia Pinto in *Para compreender Fernando Pessoa*, Porto, Areal editores

² Problemas com Salazar levaram-no a reformular a Antígona criticando-o através da personagem de Creonte

⁹ Dantas, Júlio, "Os livros em Portugal na Idade Média - A livraria do Infante Santo", in *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*, Imprensa da Universidade, 1914, p.102

coração de Fez! Era assim que se salvava o filho dum rei; era assim que se remia um infante cativo de Portugal, - e não cobrindo-o de lama, de desonra e de tristeza! (...)

(...) no júbilo supremo de ver que a sua vida inútil de rei servia, afinal, para alguma coisa ! (...)

*(...) e o pobre rei, que não soubera ser irmão e que não se lembrara de que era pai, crucificado entre dois amores, martirizado entre duas saudades, farrapo de dor humana que o escárnio dum círculo de oiro coroava, caiu a arquejar de soluços sobre a estante e a repetir, como uma oração, as palavras do fólio iluminado (...)*¹⁰

Domingos Maurício já em 1931, contracorrente tinha colocado a questão da fidedignidade das fontes na revista *Brotéria*

(...) Se perguntarmos a Oliveira Martins que na peugada do primeiro cronista riscou o episódio de Tânger com côres chamejantes de fantasia (...)

(...) Tentá-lo-emos fazer agora nesta revista, ao menos parcialmente, no objectivo bem determinado de eliminar do campo da história a reconstituição subjectiva de os Filhos de D. João I, porque, à luz dos documentos, ela representa uma de tantas páginas do grande estilista, tão cheias de colorido como destituídas de objectividade.

Não queremos inculcar injustamente Oliveira Martins, nem os modernos historiadores.(...)

(...) Todos êsses escritores sofreram as consequências das sugestões de Pina.

Ora cronista, para nós, está longe de merecer o crédito que geralmente se lhe atribui.

A sua obra, ao menos, necessita de cuidadosa revisão, para expurgá-la não só de inexactidões de datas, mas de exagerados relevos de factos secundários, cujas sombras enegreceram belas luminosíssimas da figura moral de D. Duarte (...)

*(...) O martírio de D. Fernando e os ais, que o seu corpo delicado soltava sob o pêso insuportável dos primeiros meses de cativeiro, é que despertaram em Portugal e na Europa um sentimento de comovida piedade. (...)*¹¹

Em 1880, Manuel Joaquim Pinheiro Chagas escritor, jornalista, político e dramaturgo, e sobretudo o precursor de um tipo de literatura histórica infanto-juvenil,¹² na sua obra popular *História Alegre de Portugal*, agora

passada a *Banda Desenhada*, diria a propósito do mártir o seguinte:

*(...) mas o infante D. Fernando, que bem mereceu o nome de Santo que lhe puseram, não quis nunca ouvir falar em semelhante coisa, e preferiu morrer atormentado nas masmorras de Fez a consentir que dessem por ele aos Mouros uma terra, que tanto sangue nos custara. (...)*¹³

Rocha Martins, jornalista e escritor a quem faltou quase tudo a quanto se exige de um historiador, mas acrescente-se contudo a sua aptidão para a recolha e divulgação de acontecimentos e documentos, na sua biografia romanceada do Infante, segue a linha de Oliveira Martins, quando acusa D. Henrique de que este (...) *não tivera o pensamento amigo de enviar uma palavra para o prisioneiro. O seu peito albergava uma alma boa mas enjaulada num peito que era uma muralha de ferro e muito tardava a revelar-se, através de tanta espessura. Essa durez resguardava a tenacidade dum vastíssimo projecto: o da descoberta (...)* O povo, em meditações, acusava o infante D. Henrique duma calada assustadora e dum egoísmo rude ante as dôres do príncipe(...)

O destino, assumia os contornos de uma tragédia que a literatura no Estado Novo pretendia glorificar sob o desígnio de uma grande Nação, já que havia determinados pressupostos que não se poderiam colocar em causa.

(...) Seus olhos negros, nos quais se pousara para sempre uma visão de glórias, pareciam acusadores. Quando se resolveu a partida para Marrocos, atrás do teimoso D. Henrique, um grande soluço sacudira o reino. Todos anteviam enormes desgraças. O terror espalhara-se em avisos supersticiosos e o infante continuava sem ver mais do que o momento da acção. (...) Sacrificava-se, sorrindo. E o irmão, no deslumbamento do seu sonho da descoberta e da conquista, calara-se, refreando o coração. De joelhos, no areal, o imolado orava, agradecido.(...)

A mea culpa de D. Duarte sofredor e impotente é justificada pela impossibilidade da entrega de Ceuta.

Contudo a visão do Infante é muito mais abrangente no retrato que o supracitado autor faz. Rapidamente a questão que coloca é respondida. Existe aqui uma intenção pedagógica mais do que científica em ministrar conhecimentos:

(...) Ceuta fôra um noivado; Tânger um funeral(...) E êle, D. Fernando, o que era? Um mancebo ansioso de ser útil, nanja por glória própria, mas para não fugir aos destinos da sua raça estoica e ousada. Chegara assim aos trinta e três anos, virgem, dedicado a obras divinas, orando constantemente, metido em sonhos de altos sacrifícios.

¹⁰ Dantas, Júlio, *Pátria Portuguesa*, Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973, pp.40-49

¹¹ Santos, Domingos Maurício Gomes dos, "D. Duarte e as Responsabilidades de Tânger 1436-1438" in *Brotéria*, vol. 12, Série mensal, *Fé-ciências-Letras*, (1931), pp.29-31,63, 165, 166

¹² Torgal, Luís Reis, Mendes, José Amado e Catroga, Fernando *História da História em Portugal*, Vol.II, Lisboa, Temas e Debates, 1998,pp.170

¹³ Chagas, M. Pinheiro, *História Alegre de Portugal*, Lisboa, 1985, p.79

E um dia, desesperado, decidira-se a pedir ao monarca que o deixasse partir, a fim de se empregar no serviço dalgum reinante estrangeiro e batalhador, já que em Portugal vivia, com êle, a paz(...).

Ao herói juntava-se a imagem de santo, mártir:

*(...) com um pressentimento da morte, para compa-
recer diante de Deus, mais pobresinho do que sempre fôra
– pouquíssimos eram os seus réditos – decidira deixar a
religiosos desígnios os seus parques haveres. (...)*

*(...) Depois batera-se como um herói, sem medo da
morte. (...)*

*(...) D. Henrique, quasi alegre, ofertou-se, no conse-
lho, para ser êle quem pagasse a derrota, porque jamais se
entregaria Ceuta a êsses bárbaros(...).*

O destemido Infante sacrificava-se pelo bem na-
cional, como Cristo o havia feito pela humanidade:

*(...)A sua vida era menos preciosa do que as pedras
verdenegras dum presídio militar. De bom grado, porém,
feliz quasi (...) Aguardava-o o martírio, Êle afizera-se à
idéa de nunca mais deixar de sofrer, mas em sua alma
vislumbra, por vezes, “uma doce núvem de esperança”
(...)Tudo aceitava, oferecendo a Deus as maldades dos
homens. (...)*

No cativo, D. Fernando era lembrado como
sendo uma figura fraca e débil. Trata-se da libertação
do Homem, dos padecimentos terrestres e a sua ascen-
são aos céus, senão vejamos:

*(...)um mendigo, assim vestido no roupão roto, as
barbas intonsas grisalhando, depauperado o corpo, ardendo
em febre, à espera dum acto sobrenatural ou da morte
que já milagrosa lhe estava parecendo, pois, tardando
tanto, só por vontade e graça do Altíssimo chegaria a li-
bertá-lo. (...)*

A vertente miraculosa aproximava-o da santidade
já anunciada.

*(...) Ao pensamento da morte, no fim, ainda se via
culpado diante de Deus, a acusar-se, como se se tratasse
dum suicídio. (...)*

*(...) Por vezes envolvia-o um raio de luz, num feixe
scintilante que o aureolava e, ao sumir-se, a sua imagem
ficava ainda na retina do prêso, como a duma maravi-
lhosa aparição. (...)*

Rocha Martins desabafava:

*(...) Oh! Os cristãos não amavam aquêlê filho de rei!
(...)Jámais existira um suplício assim. ¹⁴*

A divulgação desta obra em fascículos tornou-a de
acesso popular, pese a ileteracia geral.

Fortunato de Almeida na sua História da Igreja,
não qualifica o Infante de Santo, mas tão somente de

martirizado, ainda que se trate dum historiador e não
de um contador de estórias:

*(...)Por fama de virtude ou simpatia do martírio,
talvez por ambas as causas conjuntamente, (...)o infante
D. Fernando(...)deixou na tradição portuguesa uma au-
réola de piedade que lhe valeu o epíteto de “infante
santo”(...)resignado e sereno, animado dos mais santos
pensamentos cristãos, esperava tranquilamente o des-
fecho de todos os sofrimentos, chorando mais a sorte
dos outros que a sua própria, como se o seu espírito
fosse insensível à dor (...) ¹⁵*

O conhecido arabista David Lopes classificou o sa-
crifício do Infante como um (...)crime perpetrado a frio
pela nação(...)Assim, o abandono do infante foi um
crime, repetimos. Praticou-o D. Duarte e havia de mor-
rer roído de remorso daí a pouco; praticou-o a nação, que
se acovardou; e sobretudo praticaram-no aqueles que lhe
deveram a vida; praticou-o D. Henrique, o grande cul-
pado, de consciência condescendente(...) ¹⁶

Em 1932 saía O Decreto nº21.103, de 7 de Abril,
descortinemos:

Art. 1º- Os acontecimentos, as instituições e os
homens do passado devem ser julgados dentro da sua
época e dos seus objectivos e nunca transportados para
os sentimentos particulares de hoje(...)

Art. 2º- Todo o feito que significa esforço da
Nação, desde o início da História Pátria até ao pre-
sente, deve ser exaltado como bom e digno(...)

Art. 4º- Deve ser objecto de justificação e glorifi-
cação tudo quanto se tem feito através de oito séculos
de História de Portugal, no sentido de fortalecer os
seguintes factores fundamentais da vida social: a Família
como célula social; a Fé, como estímulo da expansão
portuguesa por mares e continentes e elemento de uni-
dade e solidariedade nacional (...) Tudo quanto, pelo
contrário, tem sido elemento de dissolução nacional,
de enfraquecimento de confiança no futuro, falta de
gratidão para com os esforços dos antepassados deve
ser objecto de censura (...)

É claro que todos os artigos se irão sobrepor ao
primeiro, já que prevalece a noção de uma História
instrumentalizada pelo regime que recusava as ideias
liberais do regime republicano.

¹⁴ DMartins, Rocha, *Heróis, santos e mártires da pátria*, Lisboa, F. J. R. Martins

¹⁵ “Infante D. Fernando” in Almeida, Fortunato, *História da Igreja em Portugal*, Porto, Portucalense, 1971

¹⁶ “Os Portugueses em Marrocos: Ceuta e Tânger” in *História de Portugal sob a direcção de Damião Peres*, Vol. III, Barcelos, 1931, pp. 430-432

O Secretariado de Propaganda Nacional, vulgo SPN, foi criado em 1933 pelo ideólogo do regime, António Ferro. A sua missão era a de elevar o espírito da gente portuguesa no conhecimento do que é e do que realmente vale, espécie de consciência nacional.

Em 1936, os livros escolares obedecem a uma convergência de critérios que se traduzem na publicação de manuais únicos.

Destes, destacamos o Livro de Leitura da 3ª Classe que em pequena biografia descrevia o cativo em dolorosa paixão, já que o Infante agonizava e oferecia a Deus as suas orações e sacrifícios, pelo bem da Pátria.¹⁷

Já Tomás de Barros no seu Sumário da História de Portugal diria que o Infante Santo teria ganho este epíteto pela grande resignação cristã com que sofreu, durante seis anos, todos os martírios e vexames.¹⁸, isto só para citar alguns exemplos da instrução pública.

Dizia José de Esaguy¹⁹ em 1936 que:

(...) *A vida de D. Fernando é o fruto duma enorme tragédia espontânea, vivida ao de-dor duma fé nunca atingida por outro ser terreno (...)*

(...) *O Infante D. Fernando encarna a própria abnegação ao colocar a fé e o sacrifício acima de todos os outros sentimentos humanos.*

A ideia de que neste mundo não há nada superior à religião e à Pátria – ideia que sempre levantou tanto apóstolo e tanto mártir – era a única razão de existência do Infante Santo. (...)

(...) *Uma vez que lhe fôsse exigido um sacrifício, o seu espírito de martírio logo se manifestava. Então uma bátega de impolutos sentimentos desbrabava, sentindo-se feliz na desgraça. Tinha a predilecção, quasi absurda, de sofrer, tirando partido do sofrimento para gozo duma felicidade toda subjectiva. Por isso a história da vida desse Homem sobrenatural é a mais triste elegia que o género humano tem concebido, cheia de lampejos duma pastoral deliciosa onde a dor e a devoção se reúnem em núpcias delirantes.*

O seu carácter extraordinário revelava-se muito cedo, preocupando-se exclusivamente com as práticas

religiosas e o bem de Portugal, desde que teve o uso da razão. A sua alma não se afastou nunca daquela doutrina maravilhosa de Cristo. Efectivamente êle supôs imitá-lo em todos os Seus actos. Se para Cristo, salvando a humanidade no Gólgota, ficaram abertas aos remidos as portas da Mansão Eterna, para D. Fernando, salvando Ceuta à sua Pátria, ficaram abertas aos portugueses as portas de todo o império magrebino e até as do Oriente longínquo.(...)

(...) *Seguiremos as pisadas do Infante em Marrocos, guiando-nos pela sua própria Fé ao tentarmos esboçar o perfil da sua vida, como os artistas das clássicas estátuas gregas. Procuraremos nas ruas de Fêz, ainda regadas pelo sangue do Mártir, toda e qualquer minúcia do seu largo cativo, da sua abençoada desgraça, evitando, todavia, o exagêro que arraste os fanáticos ao mundo das sombras e das visões(...)*²⁰

No mesmo ano, em publicação de autor, Maria Josefina Andersen, no seu livro Amor Pátrio, o Infante Santo onde acentua que (...) *D. Fernando foi sacrificado por Ceuta, para que ali se conservasse o culto cristão, e que na Igreja de Nossa Senhora, a Conquistadora, se continuasse a celebrar o Culto Divino. Esta Igreja pertencia ao Convento de Santo Iago e ali pelos Portugueses foi exercida a primeira missa (...)*

(...) *Sofria o que só um Santo sabe sofrer! (...)*

(...) *O Infante Santo prodigaliza ao próximo todo o bem material, físico e moral que lhe está ao seu alcance, até com sacrifício de si mesmo; não descarta um só momento os jejuns, as orações, as Missas, as Comunhões (...)*

(...) *Heroísmo Santo ! (...)*

(...) *O Infante que sempre foi tão débil, é o que entre todos tem a alma valorosa, é o que sorri às amarguras deste Mundo; e é com rosto sereno e palavras de conforto que se sujeita às humilhações. Se o sofrimento físico doeu muito, o sofrimento moral é o que não tem medidas, é o que fez suar sangue a Nosso Senhor! (...)*²¹

Olavo d'Eça Leal ligado ao regime e à comunicação social, sobretudo através da radiodifusão, publica a sua História de Portugal em 1943. Nela desculpabiliza a acção de D. Duarte, já que afinal não poderiam ser colocados em causa os valores nacionais de oito séculos de História de Portugal.

(...) *D. Duarte fez tudo quanto estava ao seu alcance para livrar D. Fernando do sacrifício a que voluntariamente se votara, mas nada conseguiu. O próprio D. Fernando se opôs a que, por sua causa, Portugal se diminuísse pela entrega de Ceuta que tão cara lhe custou(...)*²²

¹⁷ Livro de Leitura da 3ª Classe, Ministério da Educação, Porto, Figueirinhas, , pp 107,108

¹⁸ Tomás de Barros I

¹⁹ (1899-1944), historiador sobre a presença dos portugueses em Marrocos, dedicou-se também ao estudo da língua árabe e à poesia. Em 1936, publica a obra A Vida do infante santo

²⁰ Esaguy, José de, A Vida do infante santo, Lisboa, Edições Europa, 1936, pp.19-21, 23

²¹ Andersen, Maria Josefina, Amor Pátrio, o Infante Santo, Edição da Autora, 1936, pp.38-45

Adolfo Simões Muller, foi funcionário do SPN, publica a sua *Historiazinha de Portugal* que foi de tal forma um sucesso editorial que mesmo após o 25 de Abril foi reeditada, ainda que menos institucionalizada pelo regime.²³

Diria a propósito do Infante:

(...) *Por sua vez, o mais novo foi santo. Morreu no meio dos maiores martírios, para que a sua Pátria não tivesse de entregar um palmo de terra aos infiéis* (...) ²⁴

As edições do SPN publicam a colecção *Pátria*, organizada e redigida pela escritora Virgínia de Castro e Almeida, precursora da literatura infantil em Portugal, de que saíram dois fascículos intitulados *História da Triste e Gloriosa Empresa de Tânger* e *História da Paixão e Morte do Infante Santo Dom Fernando*²⁵. No frontispício da obra pode ver-se uma ilustração estilizada do Infante por Palmela Boden.

O integralista Caetano Beirão, na sua *História Breve de Portugal* de 1945 afirmava no capítulo “O Triste Reinado de D. Duarte” (...) *que o infante (...) Ardia por se imolar no serviço de Deus e do Reino, e lá ficou no cativeiro de Fez, onde sucumbiu ao cabo de dez anos, mártir e quasi santo. (...) o Infante imolado ao seu sonho de grandeza.* (...) ²⁶

João Ameal um dos ideólogos do regime e deputado da Assembleia Nacional foi correligionário do primeiro na Liga de Acção Universal Corporativa. Nas suas obras *Santos portugueses*, *História de Portugal* e *Obreiros de Quatro Impérios* diria a propósito:

(...) *É de crer que se entregue com a alegria dos mártires bem seguros na sua fé. E sofre martírio tremendo durante mais de dez anos, até acabar em Fez, pobre esqueleto torturado e escarnecido. Serviço de Deus, ainda. Cumpre o seu voto: ninguém melhor serviu !* (...) ²⁷

(...) *Na sua alma aquecida por uma fé prodigiosa, resplandece a alegria de se votar ao serviço de Deus e da Pátria e de imitar, dentro do possível, o modelo supremo : Cristo, que se deu em holocausto para salvar os homens!*

Dos “Altos Infantes”, o Infante Santo acaba por ser o maior de todos. Nenhum gravou na *História* a imagem mais completa de abnegação, de heroísmo e de valor espiritual! (...) ²⁸

Maurício de Queirós na sua *História Linda de Portugal* ilustrada pelo pintor Carlos Carneiro que já em 28 teria trabalhado com João Ameal e em 34 colabora na primeira exposição colonial portuguesa inaugurada no Porto, no Palácio de Cristal escreve que:

(...) *Por seu martírio, deu-lhe a História o título de Infante Santo. Mas a Pátria vingaria a sua morte.* (...) ²⁹

(...) *Serão ambas histórias de regime*³⁰

Em Fevereiro de 1944, o SPN converteu-se em SNI-Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo.

João de Castro Osório, no seguimento de António Sérgio e sob a influência de Jaime Cortesão, produz uma série de compilações, das quais podemos destacar a *Íncrita Geração Dom Duarte* e *Dom Pedro*, pelas Edições S.N.I.³¹

Américo Cortês Pinto, na sua obra *Santos de Portugal* de 1956 inserida na Campanha Nacional de Educação para adultos, decalca da *Crónica* de Frei João Álvares a biografia do Infante:

(...) *Por seu lado, o Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, com quem eles brincavam desde pequeninos, em cada dia que passava lhes dava um novo exemplo de heroísmo e de bondade ao serviço de Deus e da nossa terra.* (...) ³²

(...) *Chegara enfim a sua hora! E ardia-lhe o coração com a ideia de sacrificar a sua vida para aumentar a glória de Deus e de Portugal!* (...) ³³

(...) *Nosso Senhor porém decidira prolongar-lhe os dias da vida porque lhe tinha destinado outra morte mais gloriosa para salvação da terra de Ceuta.* (...) ³⁴

(...) *D. Fernando quis para si a palma do martírio. Morreria por Deus e pela Pátria! (...) aquela Infante que era o benjamim do Reino, bondoso como uma pomba e puro como um lírio*(...) ³⁵

(...) *Portugal inteiro levantou as mãos a Deus cobrindo de lágrimas a memória daquele Infante que tamanhos*

²² Leal, Olavo d'Eça, *História de Portugal para meninos preguiçosos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1943

²³ Torgal, Luís Reis, *História e Ideologia*, Colecção Minerva História, Coimbra, Livraria Minerva, 1989

²⁴ Muller, Adolfo Simões *Historiazinha de Portugal*, Lisboa, Figueirinhas, 1983, pp. 58 e 59

²⁵ Almeida, Virgínia de Castro e *História da Paixão e Morte do Infante Santo Dom Fernando*, Lisboa, Edições S. P. N., Colecção Pátria, Livro número dezoito, 1940. Almeida, Virgínia de Castro e *História da Triste e Gloriosa Empresa de Tânger*, Lisboa, Edições S. P. N., Colecção Pátria, Livro número dezassete, 1940

²⁶ Caetano, Beirão, “O Triste Reinado de D. Duarte” in *História Breve de Portugal*, Lisboa, Edições Logos, 1945, p.45

²⁷ Ameal, João “Infante Dom Fernando” in *História de Portugal (das origens até 1940)*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1974

²⁸ Ameal, João *Obreiros de Quatro Impérios*, Lisboa, Colecção Educativa, Série D, nº 5, pp. 38 Ameal, João, *Santos portugueses*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1957, p.405

Recentemente homenageado (2003) com uma exposição biobibliográfica “Espólio de João Ameal”

²⁹ Queirós, Maurício de *A história linda de Portugal*; il. de Carlos Carneiro, Porto, Liv. Figueirinhas, [D.L. 1964] (Verdades maravilhosas ; 2)

³⁰ Ver Torgal, Luís Reis, *História e Ideologia*, Coimbra, Livraria Minerva, Colecção Minerva História, 1989, pp.33-34

³¹ Osório, João de Castro *Íncrita Geração Dom Duarte Dom Pedro*, Lisboa, Edições S.N.I., 1945, pp. 16, 16, 23, 38, 39, 50

*martírios sofrera por amor da nossa Pátria. Façamos nós como eles: - Levantemos as mãos a Deus para que nos tenha em Sua santa guarda, e prometamos ao glorioso Infante, que por nós padeceu e morreu, que estaremos sempre dispostos a tomar a sua lição, sacrificando a nossa vida em glória de Portugal!*³²

Como podemos observar, o texto é forte em expressões de grande religiosidade. Vejam-se as últimas expressões retiradas do credo- padeceu e morreu ao invés de sepultado.

Adelino de Almeida Calado, na obra Subsídios para a bibliografia do Infante Santo numa posição mais distante das emoções, critica a posição de Júlio Dantas atestando que na Crónica de Frei João Alvares não existe nada que prove que tenha havido da parte do Infante dissipação ou de que Dom Duarte seja neurasténico³³: Mesmo descontando tudo quanto se possa considerar convencional no quadro de virtudes pormenorizadamente atribuídas pelo biógrafo ao Infante, não se pode conceber este como Júlio Dantas procurou apresentá-lo.

Imaginária, Teatro e Cinema

Existe uma Estátua do Infante, fronteira à Escola Prática de Cavalaria, em Santarém terminada em 1957 e colocada em 1962. Foi executada por Leopoldo de Almeida, escultor do antigo regime.

Já antes havia trabalhado com Cottinelli Telmo o Padrão dos Descobrimentos aquando da Exposição do Mundo Português em 1940, feito em estafe e passado a pedra em 1960.

Num registo clássico e austero de grande volumetria, o resultado é um painel de figuras lembrando o políptico de Nuno Gonçalves.

No Padrão podemos observar a figura do Infante logo atrás da do Navegador, curvado de rosto estereotipado, sofredor onde se pretende *fazer a simbiose entre a época áurea dos Descobrimentos e a do ressurgimento nacionalista, afinal só conseguida(...)* em 40³⁴

Nas vésperas do Estado-Novo o dramaturgo

Luna de Oliveira (1888-1951), viu representada a Peça *Infante Santo, Drama Histórico*, 5 actos em verso, no Teatro Nacional, distinguida com o 2º prémio proposto pelo Ministério de Instrução:

Final do 4º Acto D. Fernando representado pelo actor José Alves da Cunha declama

(...) Adeus oh cristandade. Adeus que o muito amar-te

Fez com que te perdesse...Alferês o estandarte

(...)Não me sorriu o ceu e cobri-me de luto

Oferto por meu crime este corpo em tributo!

Irmãos, meu holocausto uma ilusão redime

O pendão flutuará nas auras do sublime

Quais azas do condor que o largo vôo alteia,

Dominando na historia a homérica epopeia!

O beijo que te imprimo oscula a Patria inteira!

Adeus meu Portugal! Adeus minha bandeira!³⁵

O cineasta António Lopes Ribeiro(1908-1995) não chegaria a concretizar o seu projecto de levar ao cinema o *Infante Santo*.

Rui Miguel da Costa Pinto

³² Pinto, Américo Cortês *Santos de Portugal*, Coimbra, Campanha Nacional de educação para adultos, "Colecção para adultos", 1956, pp. 109-120

³³ Júlio Dantas referiu-se de forma mais prolongada a presumível neurastenia do rei numa comunicação apresentada à Academia de Ciências de Lisboa e publicada pelo Instituto de Medicina Legal em 1930

³⁴ Saial, Joaquim, *Estatuária Portuguesa dos Anos 30 1926-1940*, Lisboa, Bertrand, 1991

³⁵ Oliveira, Luna de, *Infante Santo, Tragédia Histórica em 5 actos*, Lisboa, Livrarias-Ailland-Bertrand, 1928, pp. 120 e 121



Associação dos Arqueólogos Portugueses

